

## COMUNIDADE E SOCIEDADE: norteadoras das relações sociais

Maria Aparecida da S. Fernandes Trindade<sup>1</sup>

### Resumo

*Uma característica das relações sociais que se configuram no nosso tempo é o individualismo, a relação contratual que nos leva a nos fechar em nosso próprio mundo, sobrepondo-se às relações comunitárias. Este artigo traz algumas considerações acerca de dois conceitos que na tradição sociológica são relevantes como base de explicação das dicotomias existentes nas relações sociais: a comunidade e a sociedade.*

**Palavras-chave:** *Relações sociais; relações comunitárias.*

Nunca vi fazer tanta exigência, nem fazer o que você  
me faz

Você não sabe o que é consciência, não vê que eu sou  
um pobre rapaz / Você só pensa em luxo e riqueza,  
Tudo o que você vê, você quer (...)

(Mário Lago/Ataulfo Alves)

Você só pensa em grana, meu amor  
Você só quer saber quanto custou a minha roupa  
Você só quer saber quando que eu vou  
Trocar meu carro novo por um novo carro novo  
Você rasga os poemas que eu lhe dou  
Mas nunca vi você rasgar dinheiro  
Você vai me jurar eterno amor  
Se eu comprar um dia o mundo inteiro (...)

(Zeca Baleiro)

---

<sup>1</sup> Licenciada em Letras, mestra em Ciências Sociais (UFRN), professora de Língua Portuguesa do C. E. Henrique Castriciano e da FARN

Entre a famosa “Amélia”, de Mário Lago e Ataulfo Alves, e “Você só pensa em grana”, de Zeca Baleiro, temos um espaço de 60 (sessenta) anos, aproximadamente. Um olhar mais aguçado sobre o teor dessas músicas, leva-nos a perceber o conflito que o eu lírico trava, em cada uma delas, com a sua amada. Em ambas as músicas, a mulher (ou homem, na música de Zeca Baleiro) é materialista, de atitudes egoístas, despojada(o) de humanidade. A Amélia – as feministas que me perdoem – lembrada com saudade na música de Mário Lago, é menos a mulher submissa do que a figura do ser humano afetivo, solidário, companheiro. Amélia, assim como o poeta de “Você só pensa em grana” são seres opostos àqueles representados nas músicas. Seus valores são conflitantes, justamente, porque enquanto aqueles se baseiam nas relações pessoais, estes mantêm vínculos baseados no interesse.

Esta dicotomia pode ser explicada por dois pólos conceituais na tradição sociológica, sobre os quais tratei na minha dissertação de mestrado<sup>2</sup> e aqui irei me ater: a comunidade e a sociedade.

Retomando a breve leitura das músicas, podemos relacionar, como motivo para a existência do conflito antes citado, justamente o fato de as personagens não constituírem valores, visão de mundo comuns, sendo-lhes difícil o estabelecimento de uma relação identitária, pois a construção de uma identidade só é possível mediante uma relação de reciprocidade entre aqueles que se reconhecem como iguais. E isto se realiza na comunidade.

Max Weber (In: FERNANDES, 1973, p. 140) define as relações sociais na comunidade

quando a atitude na ação social inspira-se no sentimento subjetivo (afetivo ou tradicional) dos partícipes da constituição de um todo”; e na sociedade, “quando a atitude na ação social inspira-se numa compensação de interesses por motivos racionais (de fins e de valores) ou numa união de interesses com idêntica motivação e que “a imensa maioria das relações sociais participam em parte da comunidade e em parte da sociedade.” (FERNANDES, 1973, p. 141).<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> *O Morro ama! Amor instinto, do auto-infinito nas formas da História – Comunidade e Sociedade no bairro de Mãe Luiza.* Natal: UFRN, 2000.

<sup>3</sup> WEBER, Max. *Comunidade e Sociedade como estruturas de socialização.*

Esta afirmação de Weber endossa a característica inerente a toda relação social que é a tensão entre valores e idéias opostos que se cruzam e dão a base para a constituição do *ethos e da visão de mundo*<sup>4</sup> de determinado grupo social.

No pensamento sociológico, são as relações comunitárias que norteiam as reflexões acerca dos fatos sociais. Para Durkheim, “é com a ‘*communitas*’ e não com a ‘*societas*’<sup>5</sup> que residem as verdadeiras raízes da sociedade”; para Auguste Comte, “a sociedade existe independentemente do indivíduo e anteriormente a ele”. E ambos - Durkheim e Comte - concebem a sociedade “como uma comunidade ampla” (NISBET, 1984, p. 82).

Vale retomar que a Sociologia nasce, no século XIX, pondo em xeque a noção de indivíduo que ora se sedimentava com o advento da modernidade, mas que já ganhara força com o século da Razão (XVII e XVIII) e os ideais da Revolução Francesa. Nisbet (1984, p. 21), referindo-se ao século da razão, ressalta que “o conjunto do período é dominado pela crença universal no indivíduo como ser natural, dotado de razão, provido de características inatas e absolutamente permanentes”.

A noção de comunidade como o lugar pautado por um “engajamento de natureza moral e por uma adesão comum a um grupo social” (Idem, 1984, p. 70) é retomada pela Sociologia justamente para dar sentido ao que ela compreende como sociedade: uma coletividade movida por relações pessoais, cuja unicidade é pautada pela pluralidade, pela convivência entre os diferentes. Ou seja, os laços comunitários são reforçados como sendo norteadores das relações na sociedade.

Dessa forma, o indivíduo não é pensado isoladamente, deslocado das condições históricas, culturais e sociais que lhe conferem existência pela presença do outro; é pensado através das relações sociais que o fazem ligar-se ao outro, tornando-se não indivíduo, mas pessoa. Isto quer dizer que a singularidade, a individualidade de cada um é tida como um componente essencial para a construção do universo social, não para fazer predominar os interesses de uma minoria sobre a coletividade.

Por exemplo, Buber (1987), ao falar sobre comunidade, considera o fato de que os termos *indivíduo e sociedade* são configurações abstratas, pois não têm sentido senão no estabelecimento de uma relação recíproca. Isto significa que a

---

<sup>4</sup> Relembra-nos Geertz (1989, p. 143) que, “na discussão antropológica recente, os aspectos morais (e estéticos) de uma dada cultura, os elementos valorativos, foram resumidos sob o termo *ethos*, enquanto os aspectos cognitivos, existenciais foram designados pelo termo *visão de mundo*.”

<sup>5</sup> Victor Turner (1974) concebe a *communitas* como uma “relação entre indivíduos concretos, históricos, idiossincráticos, os quais não estão segmentados em função e posições sociais, porém defrontam-se uns com os outros à maneira do ‘Eu e Tu’, de Buber. A ‘*societas*’ parece ser mais um processo dialético com sucessivas fases de estrutura e de ‘*communitas*’”.

sociedade só se realiza mediante “relações autênticas entre os homens”, e o indivíduo, “na medida em que se torna pessoa”.

Visto que a sociedade é um “agregado mecânico e artificial” (TÖNNIES, apud MIRANDA, 1995, p. 232) e, conseqüentemente, as relações que nela se estabelecem são fragmentárias, pois a esfera do indivíduo é que se sobressai, o tornar-se pessoa, no sentido aqui empregado, requer um grau de responsabilidade que diz respeito a si mesmo e ao outro - compreendido como um par.

Durkheim (1985), ao tecer seus estudos sobre os fatos sociais e introduzir o conceito de coerção, dá ênfase à condição social do homem, o que reforça a idéia de que é abstrata a noção de indivíduo, de que este ser único não existe, já que suas ações estão sempre sujeitas ao crivo da coletividade.

Segundo Buber (1987, p. 123), mesmo solitário, o homem “é pessoa devido ao fato de estar ligado” - o eu/tu - “e poder ligar-se novamente, mesmo na mais profunda solidão”. É esta possibilidade e necessidade de ligar-se ao outro que torna concreta a realidade humana expressa na comunidade, “onde existe uma vitalidade da coexistência espacial, funcional, emocional e espiritual”.

É mister assinalar que o caráter da comunidade pauta-se pela sua unidade, que é assegurada, porém, pela pluralidade. Isto é, na comunidade, a diversidade e os conflitos que lhe são conseqüentes não são base de separação entre os seus partícipes; ao contrário, são atributos para o crescimento.

Para Tönnies (apud. MIRANDA, 1995, p. 239), a comunidade é diferente da sociedade. O que essencialmente caracteriza a comunidade é a “vida real e orgânica” que liga os seres humanos fazendo-os se afirmarem reciprocamente. As relações que se estabelecem são pautadas pelos graus de parentesco, vizinhança e amizade. “*Tudo aquilo que é partilhado, íntimo, vivido exclusivamente em conjunto, será entendido como a vida em comunidade.*” (TÖNNIES, apud MIRANDA, p. 231).

Já a sociedade “é entendida como mera coexistência de indivíduos independentes entre si” e, por isso, é uma “estrutura mecânica e imaginária”, visto que as ações se baseiam não na unidade, mas na *associação*. (apud., p. 231-2).

Na sociedade, cada um está por si e isolado e em um estado de tensão perante todos os outros. As esferas particulares de atividade e poder são nitidamente limitadas pela relação com os demais, de tal modo

que cada um se defende dos contatos com os demais e limita ou proíbe a inclusão destes em suas esferas privadas, sendo tais intrusões consideradas atos hostis. (TÖNNIES, apud MIRANDA, p. 252).

Para Ferdinand Tönnies, o que existe é o conflito entre valores comunitários e valores societários, os quais, são movidos pelas *vontades*.

Mas, o que são as *vontades*? Sociologicamente falando, de onde surge esse pressuposto que assume na obra de Tönnies dimensões relevantes?

Miranda (1995, p. 153), no seu texto sobre o *Conceito de racionalidade em Ferdinand Tönnies*, atenta para o fato de que as *vontades* advêm das formações sociais e não o contrário - questão esta explicitada pelo próprio Tönnies - o que difere de Marx, para quem a sociedade é forjada a partir do desenvolvimento do capitalismo.<sup>6</sup> Na linha de pensamento de Tönnies, é a sociedade quem produz o capitalismo, visto que o processo de individuação que se aprofunda decorre da busca do homem pelo conhecimento e pelo lucro. Como diz Cahnman (In: MIRANDA, 1995, p. 96), “o individualismo condiciona a luta pelo lucro e a exploração, não o oposto”.<sup>7</sup>

Esta afirmativa casa com a formulação de Tönnies no que concerne à explicação que faz da sociedade. Para Tönnies, foi a passagem do modo de vida da aldeia para a vida citadina que proporcionou a ruptura dos laços comunitários entre as pessoas, levando-as ao tipo de relacionamento societário, cujas características são o contrato, a diferença, o isolamento do indivíduo. “Uma sociedade de vida seria uma contradição em seus próprios termos. Concebe-se a companhia. Mas ninguém pode colocar-se em comunidade com outro”. (TÖNNIES, apud MIRANDA, p. 232).

Assim, tem-se a aldeia como o referencial histórico da comunidade-tipo, que se caracteriza pela “expressão da igualdade e o vigor dos fenômenos e valores identitários”. O referencial histórico da sociedade-tipo é “a troca e o desenvolvimento histórico capitalista” (MIRANDA, p. 65).

São as *vontades*, no quadro explicativo de Tönnies, as quais ele chama de *Wesenwille e Kürwille*, que impulsionam as mudanças. Assim, no modo de

---

<sup>6</sup> Marx e Engels, em *A ideologia Alemã* (1989, p. 13) assim afirmam: “O que eles [os indivíduos] são coincide, pois, com sua produção, isto é, tanto com o que eles produzem quanto com a maneira como produzem”.

<sup>7</sup> Aqui, vale retomar uma outra vertente de explicação da produção do capitalismo: *A ética protestante e o espírito do capitalismo* de Weber (1996) aponta o desenvolvimento desse sistema como resultante de um *ethos* voltado para a racionalidade econômica. Portanto, enfatiza-se a ação do indivíduo motivado por interesses econômicos como fundante do capitalismo.

vida da aldeia, há uma organização social em que predominam as relações de parentesco, vizinhança e amizade, estando estes gêneros ligados organicamente. Esta ligação “orgânica” é o que caracteriza a comunidade: “*a forma de vida comum, verdadeira e duradoura*” (TÖNNIES, apud MIRANDA, p. 232).

Com o desenvolvimento da cidade como o lugar da troca por excelência, tem-se o estabelecimento de uma coletividade societária, “*uma estrutura mecânica e imaginária*”, na qual o sujeito é o próprio indivíduo, não a coletividade. “*A sociedade é a vida pública - é o próprio mundo*”. (TÖNNIES, apud MIRANDA, p. 231).

Na comunidade, há uma ligação desde o nascimento, uma ligação entre os membros tanto no bem-estar quanto no infortúnio. Já na sociedade, entra-se como quem chega a uma terra estranha. O jovem é advertido contra a sociedade ‘perversa’, mas a expressão comunidade ‘perversa’ soa contraditória. (TÖNNIES, apud MIRANDA, p. 233-2).

Esta “passagem” da Comunidade para a Sociedade é motivada pela vontade, “*portadora do fundamento da existência humana*”, segundo a definiu Alfred Bellebaum (In: MIRANDA, 1995, p. 80).

Assinale-se que comunidade e sociedade são “fenômenos da vida social real”, como explicitou Bellebaum (BELLEBAUM, apud MIRANDA, p. 80), porém, os conceitos *Gemeinschaft e Gesellschaft* (Comunidade e Sociedade) são tipos puros, ou seja, teóricos, servindo de base explicativa às relações sociais que se pautam por vínculos mais estreitos entre as pessoas, as quais caracterizam a Comunidade, e por vínculos associativos, com ênfase na individuação, o que caracteriza a Sociedade.

No seu estudo *Tönnies e a teoria das mudanças sociais: uma reconstrução*, Werner J. Cahnman (Ibid., p. 89-90) deixa claro que os conceitos *Wesenswille e Kürwille* correspondentes, respectivamente, das formas sociais *Comunidade e Sociedade*, são construções mentais, portanto, situam-se na esfera do conceito, da Sociologia pura. Porém, são o ponto de partida para que se alcance o conhecimento da realidade, o que só é possível através da Sociologia aplicada.<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> Diz Cahnman: “A Sociologia pura é o ponto de partida; a Sociologia aplicada é a meta; (...) Na teoria pura, os conceitos estão fixos; na aplicada há uma progressão temporal.”

Essa relação *Wesenwille-Kürwille*, dá-se em oposição uma à outra, ao mesmo tempo em que são complementares. De acordo com o quadro teórico de Tönnies, a *Wesenwille* e a comunidade são anteriores à *Kürwille* e à sociedade, pois estas derivam daquelas no processo histórico da constituição das relações e valores sociais. A *Wesenwille* contém o pensamento; é entendida como real e natural. A *Kürwille* é o “*pensamento que abrange a vontade, compreendida como ideal ou artificial*” (TÖNNIES, apud MIRANDA, 1995, p. 273).

Se a vida urbana comum pode ser representada no conceito de vizinhança, e também o parentesco pode entender-se como a vida sob o mesmo teto (mesmo com não-parentes ou servidores domésticos), a amizade espiritual forma, ao contrário, uma espécie de laço invisível, um imperativo moral, uma reunião mística animada de algum modo por uma intuição e uma vontade criadora.

Assim, teoricamente, o que caracteriza a sociedade, do ponto de vista histórico, é a troca e o desenvolvimento histórico capitalista, cujos valores “reforçam as diferenças, acentuam a individualidade e isolam o ‘indivíduo’” (Ibid., p. 65). As relações sociais na sociedade afirmam-se com base na diferença, o que exclui a construção da identidade entre seus partícipes, já que estes se ligam através do contrato, estando despojados, portanto, dos laços que unem os homens em função da coletividade - relação social esta típica do contexto comunitário.

As personagens às quais Mario Lago/Ataulfo Alves e Zeca Baleiro se referem são frutos desse processo histórico, cujas características principais ainda mais se acentuaram e são uma marca do nosso tempo: as relações societárias, com seu individualismo e consumismo exacerbados, que impedem o estabelecimento de vínculos mais duradouros, baseados na vida comum, solidária.

Como bem ilustra Nisbet (1984, p. 107),

o livre mercado ou a sociedade aberta oferece os exemplos mais puros de ‘sociation’: representam os compromissos entre os interesses opostos mas complementares, repousam unicamente sobre o interesse pessoal, a confiança em si e o acordo contratual. Estas relações existem no domínio econômico, mas também nos domínios religioso, educativo e político.

## REFERÊNCIAS

- BUBER, Martin. **Sobre comunidade**. São Paulo: Perspectiva, 1987. (Coleção Debates).
- CANEVACCI, Massimo. **Dialética do indivíduo: o indivíduo na natureza, história e cultura**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. 12. ed. São Paulo: Nacional, 1985.
- ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos indivíduos**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- FERNANDES, Florestan (org.). **Comunidade e sociedade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973.
- FERRAROTI, Franco. **Sociologia**. Lisboa: Teorema, 1985.
- MARX, Karl. ENGELS, Friedrich. **A Ideologia alemã**. São Paulo: Martins Fontes, 1989. (Novas Direções).
- MIRANDA, Orlando de (org.). **Para ler Ferdinand Tönnies**. São Paulo: EDUSP, 1995.
- NISBET, Robert. **La tradition sociologique**. Paris: Quadrige/Press Universitaires de France, 1984.
- TURNER, Victor W. **O processo virtual: estrutura e anti-estrutura**. Tradução de Nancy Campi de Castro. Petrópolis: Vozes, 1974. 245 p.
- SENNET, Richard. **O declínio do homem público: as tiranias da intimidade**. Tradução de Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- SOCIABILIDADES. São Paulo: LASC/USP, 1996.
- WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Tradução de M. Irene de Q. F. Szmrecsányi e Tamás J. M. K. Szmrecsányi. 11. ed. São Paulo: Pioneira, 1996. (Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais. Sociologia).

\_\_\_\_\_. Conceptos Sociológicos fundamentales. In: **Economía y sociedad**. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1992.

\_\_\_\_\_. **Economia e sociedade**. Brasília: UnB, 1991. v. 1.

### **Abstract**

*A feature of the social relations that occurs at the present time is the individualism: a contractual relation that shut ourselves off from the rest of the world, becoming more important than community relations. This paper brings some considerations about two concepts that in the sociologic tradition are relevant as base of explication of the dichotomies that there are in the social relations: the community and the society.*

**Key words:** *Social relations; community relations.*

